12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Tumultos em Lisboa

Durante as manifestações feitas ao governo demissionario, houve, em frente ás janelas do ministerio do Interior, correrias, descargas e no meio da confusão estalou uma bomba. Nem por banal, já, o incidente, na agitada vida de Lisboa, deixou de ter a tragica conclusão do costume: alguns desgraçados no hospital.

DOMINGO Ilustrado

ANO I — N.º 5

LISBOA 15 DE FEVEREIRO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO *Ilustrado*

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 031 N.—DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*—EDITOR GERENTE *EDUARDO GOMES*—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má língua

BANCO DE PORTUGAL, ETC.

Ha por todo o paiz uma celeuma
que até parece mal.
Já ninguem sabe proceder com fleugma
neste exaltado e velho Portugal.
Contrariamente a toda a gente
defendo o ex-presidente
da nossa grey ministerial;
e até, nesta questão,
provo por A mais B que tem razão . . .
Então ele é dos santos, *ou não é?*
Ora um José, — dos santos! — *o que é*
Senão . . . um S. José?
Como é, portanto, que o paiz inteiro
o acusa de ter bicho carpinteiro?
Sim! Porque pasma uma nação inteira,
de ele, num lindo arranco,
mostrar tendencias p'ra "arranjar„ um banco
de onde nos fale de cadeira?!
Oh! muito ingrato é o povo!
— Ou muito fraco . . .
Basta dizer que anda a falar de novo,
[Vejam se não é mau! . . .]
no misero pataco
com que anciava comprar o bacalhau.
Não contente em comprar o amigo fiel,
(o que já é mau acto!)
o seu cruel egoismo é tão cruel
que cobre de Improperio e Desafôro
quem o livrou de se vender barato
— por ser contra o decôro . . .
E ergue a voz, truculento e miserando,
contra as normas impostas
por quem, mesmo que o peixe vá faltando
vive a cuidar das «postas»!
E à negra luz do entendimento opaco,
a turba„ transtornada,
canta ás vezes essa aria do pataco
. . . como se lhe faltasse a patacoada!

TAÇO

NO TRIBUNAL

—O reu é acusado de estender a mão á caridade publica . . .
—Desculpe, sr. Juiz, mas não é isso. Era só para vêr se chovia . . .

questão prévia

Tenham vossencias a bondade, neste remanso do domingo, de folhear o compendio de historia do seu pequeno mais velho, que anda no liceu a preparar-se para um curso superior com os conhecimentos pormenorisados das lutas contra os mouros, das batalhas contra os castelhanos e das descobertas e conquistas d'aquem e d'alem mar.

Folheiem vossencias lentamente o compendio da historia patria, com meditativas e consideradas paragens em cada pagina, sem deixarem de observar aquelas infaliveis notas que, em tipo mais miudo, correm ao fundo das folhas, constituindo o solido alicerce do texto. Se são, como não podem deixar de ser os leitores do «Domingo ilustrado», pessoas inteligentes, hão de chegar á conclusão, pela documentação historica, de que a vida portuguesa, desde os tempos do condado, decorreu sempre aos «safanões». E a verificação deste exemplo da historia ha-de ajuda-los a encarar a epoca que decorre com mais resignação, menos espanto e menos amargura.

Certamente, nos tempos dos barbudos afonsinos, não havia associações comerciais que promovessem a greve dos selos caídos contra as sizas e impostos, porque o comercio se reduzia quasi aos bufarinheiros errantes e as leis e as côrtes que as votassem, se reduziam á simples vontade do principe, mas nem por os factos revestirem aspectos, diferentes dos actuais, o regimen do safanão deixava de ser o labaro que guiava a colectividade nacional, a caminho do seu destino.

Ora tenham a bondade de verificar, a paginas tantas da historia, quando estavamos ainda na infancia do condado portucalense, o safanão que D. Tareja atirou ás pretensões do infante D. Afonso, seu filho, que no dizer dos compendios do meu tempo queria saltar para a boléa do poder tomando das mãos da mãe «as rédeas do governo». E' claro que imediatamente — e a historia assim o regista — o moço infante abichou uma moção de confiança dos seus partidarios e atirou por sua vez um safanão á mamã Tareja, que a fez baldear de cambulhada com o conde Perez de Trava, que era quem travava tudo, exercendo no condado, relativamente ás pretensões do infante, as funções que, na Associação Comercial, couberam ao snr. Pereira da Rosa no recentissimo caso da selagem dos sabonetes e dos pirolitos.

Depois, por aí fora, atravez das dinastias, sempre o safanão imperou na vida da nacionalidade, por assim dizer como estimulo de energias. Safanão de cima para baixo, safanão de baixo para cima, terminando safanadores e safanados por caírem nos braços uns dos outros, bem á portuguesa, para logo se repelirem e continuarem a safanar-se mutuamente.

A historia, fatigada, deixou de mencionar alguns safanões de menos importancia e este da dissolução da Associação Comercial de Lisboa, por já não ser o primeiro, certamente não teria o seu registo se a União dos Interesses Economicos não toma a deliberação de aconselhar os escritorios industriais e comerciais a exteriorisarem o seu protesto, por esta maneira simples e incisiva: correndo os stores. Ora este protesto terá a Historia de menciona-lo, porque evidentemente reveste uma importancia «storica».

FELICIANO SANTOS

écos

PARIS absolveu a actriz polaca que matou o noivo. Matou para abreviar um atroz sofrimento. Matou para apressar uma solução tranqüila. Matou para satisfazer um pedido inteligente.

Onde haveria um coração ou um cerebro que não perdoasse ou não compreendesse? Houve, comtudo, quem preguntasse: «Porque teve ânimo para matar e não teve para morrer? Como pode arrastar o pêso da sua alma desfeita, ela que não teve coragem para ver sofrer?» Esquecem-se de que foi a sua propria alma que ela despedaçou com o seu «revolver» redentor». Paris só absolveu o corpo duma mulher.

NO Congresso Internacional das Uniões Intelectuais, em Paris, distinguiram-se três figuras de mulheres:

A Condessa Eugène d'Harcourt, presidente da União Francesa, M.me von Schnitzler, uma alemã, e Helena Vacaresco, a genial poetisa que foi colaboradora de Carmen Sylva, Rainha da Roménia.

Seria benéfico que as nossas mulheres de letras pousassem os olhos do espirito sôbre o espirito destas mulheres e compreendessem que o que ha nelas de mais admiravel é a permanência de raras qualidades bem femininas que não quiseram apagar. Foram essas qualidades que levaram a francesa Eugène d'Harcourt a entusiasmar-se com o discurso da delegada de Além-Reno, e só nelas confiaram os intelectuais alemães ao pedirem a uma voz de mulher que, falando primeiro do que ninguem, tentasse sufocar a recordação ainda tão presente do suspiro dos moribundos e do eco dos canhões.

PARTIU para o Brasil o sr. dr. Irineu Marinho, director da «A Noite», um dos mais modernos e completos diários fluminenses.

Oxalá o ilustre jornalista leve da nossa humilde mas franca hospitalidade uma recordação tão indelevel como o que o seu gentil trato e brilhantes meritos intelectuais, deixaram entre os seus amigos e admiradores portugueses.

por todo o mundo

Emfim, lá foi suprimida, por 314 votos contra 250, a embaixada franceza junto do Vaticano. Foi o que o Snr. Herriot encontrou de melhor para atirar ás «suas» esquerdas, afim de equilibrar a balança politica, onde os seus discursos nacionalistas e belicos sobre a atitude da Alemanha já demasiadamente faziam pesar um dos pratos da balança.

A esse respeito disse o cardial Dubois: «A paz religiosa até este momento ameaçada está rôta».

. . . Mas a verdade é que a este governo outro, conservador, sucederá, a embaixada será de novo restabelecida, para mais tarde vir a ser de novo suprimida, e assim sucessivamente.

* * *

O governo do Snr. Herriot, porém, está a estas horas gravemente em perigo na arêna parlamentar do «Palais Bourbon».

E' que os ataques das esquerdas nunca satisfeitas, e a atitude agressiva do irritado Sr. Blum, chefe socialista, mormente sobre a politica militar de Marrocos, teem sido violentas sacudidelas, e o Sr. Herriot cada vez mais se foi convencendo de que a atmosfera, em que os homens que o levaram ao poder o querem obrigar a viver, asfixia e envenena.

* * *

E para se vêr que nem sempre a politica brava se divorcia do espirito, citemos uma frase de um dos mais combativos adversarios do Sr. Herriot, a proposito do debate sobre Marrocos.

Trata-se do deputado comunista Doriot.

Ao fazer o seu ataque cerrado, este parlamentar citou, verberando-o energicamente, o facto de se ter fotografado um ajudante aviador francez com duas cabeças de marroquinos pendurados da cinta.

O Sr. Maucisse Boulanger mostrou-lhe em seguida o caracter excepcional desse facto, e referindo-se ás dificuldades da França em Marrocos perguntou-lhe: «Que faria nêstes casos o Sr. Doriot?».

Ao que este imediatamente respondeu: «Com certeza não me faria fotografar com a cabeça de V. Ex.ª cortada e pendurada á cinta».

* * *

Como a politica alemã continua a ser uma das forças marcantes na vida europeia, e como essa politica tomou um aspecto particularmente interessante com a formação do governo presidido pelo Dr. Luther, o que foi o inicio duma viragem para a direita, consignemos aqui as seguintes linhas com que o Sr. René Pinon, com muita simplicidade, mas muita propriedade, na «Revue des Deux Mondes», resume a situação:

«A Alemanha dirige-se, prudentemente ainda, mas resolutamente, para a expansão economica, a restauração monarquica, a destruição do tratado de Versailles».

Fixemos esta verdade, e muito mais facilmente comprehenderemos então muitos factos que se aproximam.

* * *

O conflito grego-turco intensifica-se e alarga-se. A um fenomeno extranho já ele deu lugar: a intervenção da Inglaterra e da França, ao lado uma da outra, e no mesmo sentido, o que bem raro é naquelas paragens orientaes.

Mas não menos interessante é o modo desprendido com que os turcos ouvem as palavras civilisadas do ocidente e recebem a indicação de certas formulas, arbitragens e recursos, de que não fazem caso nenhum. E é essa a mesma consideração com que ouvem falar da «Sociedade das Nações».

* * *

Saiba-se, porém que não é só no horizonte grego-turco que as nuvens aziagas se foram amontoando, e registe-se que, segundo uma imformação de origem ingleza, o Sr. Zinoview, falando em Petrogrado, revelou a ameaça duma nova guerra, organisada pela Inglaterra contra a União soviética, e na qual os instrumentos da Inglaterra seriam a Romania e a Polonia, assim como muitos dizem que a Grecia, até certo ponto, já o fôra contra a Turquia, na ultima campanha grego-turca.

O Sr. Zinoview, apos a queda do gabinete Mac Donald na Inglaterra, não deve nutrir especiaes sentimentos de simpatia para com esta potencia, todavia note-se como nunca se falou tanto em guerras possiveis como desde que nasceu a veneranda Sociedade das Nações, á qual não ha muitos dias o ilustre politico francez, «doublé» de matematico insigne, Snr. Painlevè, se lembrou de tecer um academico elogio numa conferencia realisada no Conservatorio das Artese Oficios em Paris!...

A. ROCHA PEIXOTO

ESQUECIMENTO

—Oh diabo, agora me lembro que tenho o relogio parado em casa!
Deixa-me ir acerta-lo . . . 4 e 5 . . . é preciso que não me esqueça . . . 4 e 5 . . .

O que se ouve

CONCERTOS NO S. LUIZ

Raras vezes temos visto o publico entusiasmar-se com uma obra musical moderna como com a «4.ª Symphonia de Mahler», executada pela orchestra sob a direcção de Lassalle. Na verdade, a formosura da obra não ficou nada prejudicáda pela execução, que foi notabilissima. Quem escreve estas linhas ouviu-a sob a direcção de Furtwangler, hoje substituto de Nikisch na Philharmonie de Berlim, e ainda sob a de Richard Strauss e de Bruno Walter, e affirma-o sinceramente. O sólo cantádo pela Ex.ma Snr.a D. Corina Freire teve todo o caracter do Lied que torna encantadôr o ultimo andamento. As mais bellas phrases do 3.º andamento, e sobretudo da «Morte» tiveram um recorte finissimo da parte dos instrumentos de corda. Flaviano Rodrigues, no sólo de violino, correctissimo.

A «Suite Portugueza» de Ruy Coelho, valeu uma ovação ao auctor, a quem começa a ser feita justiça. Lamentâmos que fôsse preciso, para tal, que a Hespanha premiásse a sua opera «Belkiss». Extra-programma executou a orquestra a «Melodia de amor», deste mesmo auctor, ouvindo-se no fim della, durante perto de um minuto, um applauso geral.

Mal empregádo tempo demos nós pelas «Canciones del Hogar» de Emilio Serrano, para canto (D. Corina Freire) e orquestra. Numeros dessa ordem não precisâmos conhecer, pela sua infima cathegoria musical. A missão dos concertos é educadôra do nosso gôsto musical e as «Canciones» pertencem, pelo seu estylo, á baixa musica.

Hoje, a orquestra Blanch dá-nos a «8.ª Simfonia de Beethoven» e acompanha o snr. Viana da Mota no 2.º concerto de Brahms e na «Fantasia sôbre temas russos» de Naprawnik. Brahms, segundo os alemães dizem, pertence aos B B B (três B) maximos da musica: *Bach*, *Beethoven* e *Brahms*!

«CARTAS QUE VOGAM» — (Lisboa, 1923) e «CRONICAS DE QUALQUER DIA» (Lisboa, 1925) por Maia Alcoforado.

Como nos informa a publicista Mercedes Blasco, prefaciadora do segundo dêstes volumes, o sr. Maia Alcoforado teve o prazer, talvez a surpresa, de ver que se esgotava, «em pouco mais de seis meses», a primeira edição da sua primeira obra. O titulo do livro, junto ao prestigio literário do apelido que o jovem autor usa, explicam êste generoso favor do público, favor que, por seu turno, explica o aparecimento, dois anos mais tarde, dum outro volume tão palavroso e banal como o seu feliz antecessor.

As qualidades de inteligencia e de probidade literaria que o sr. Alcoforado possue e de que os seus livros não dão uma condigna amostra, garantem a certeza de que não falta muito tempo para que êle proprio reconheça as imperfeições da sua prosa bastante «nova rica» e consiga realizar alguma obra que mereça atenção critica, embora não se exgote em seis meses.

THEREZA LEITÃO DE BARROS

REINCIDENCIA

—Outro roubo, hein! E dizias tu que não querias cá voltar...
—Então, fartei-me de o repetir ao sr. guarda, e ele não fez caso...

EXPOSIÇÃO CUBISTA

Sabemos que se projecta organisar nu primeira quizena do mez proximo, a primeria exposição no Porto, dos artistas Varela Aldemira, Paulino Montez, Fernando David, Mario Reis e Mario Augusto, á qual está destinado, dada a categoria dos expositores, um grande exito.

Gonçalo estendeu os braços num movimento que dizem ser muito feio mas que é muito agradavel e monologou:

— Está dito! Parto para Portugal! Sempre quero ver depois de dez anos de ausencia, a impressão que me produz Lisboa! — e dirigiu-se ao telefone.

Dez minutos depois o escritorio das passagens participava que o bilhete de 1.a classe «Grande-Cidade — Lisboa» estava comprado e que as malas seguiriam um quarto de hora depois. Um *taxi* veio em cinco minutos colocar-se á porta. Gonçalo trepou para o automovel e n'um apice, encontrou-se no restaurant da estação da Grande-Cidade, onde um destro creado lhe serviu um opiparo jantar no tempo restrictamente necessario para comer. E quando Gonçalo entrou na carruagem destinada a transportal-o a Lisboa, reparou nas suas maletas já devidamente colocadas, nas senhas para despesas de viagem, entregues em envelope, no aquecimento agradavel do aposento, e no cuidado que todos os funcionarios lhe tinham dispensado, lembrou-se que, meia hora antes, ainda aquela viagem não lhe tinha lembrado.

Ao anoitecer porem, alguem batendo desastradamente com a porta da carruagem acordou-o bruscamente.

Era a policia da fronteira portugueza que vinha indagar do passaporte.

Gonçalo, sorriu jubiloso, ouvindo falar, apoz dez anos de auzencia, o idioma patrio.

— Até que emfim! — exclamou — Estou em Portugal! Estou na minha terra!

Mas ia sendo o diabo. Como para

entrar em Portugal era preciso o passaporte com sessenta e oito retratos, trezentos e dois carimbos, e dois mil vistos, e como Gonçalo só trazia sessenta e sete retratos embora os carimbos e os vistos estivessem em ordem, foi preciso ir ao consulado, gastar trezentos mil reis, perder oito horas a esperar por outro comboio. A contrariedade desgostou Gonçalo mas uma grande alegria lhe compensava exuberantemente os desgostos: Estava na sua terra! Estava em Portugal!

Pela meia-noite chegou ao Entroncamento com uma fome devoradora, e, como não aparecia ninguem a oferecer serviços de «restaurant» apeou-se e indagou na gare, escura como breu, onde poderia dar que fazer ao estomago.

Entrou para uma baiuca onde uns

viajantes bebiam copasios de vinho e atiravam com cascas de laranja para o chão. Pediu ceia, mas um creado respondeu que ceia só se fôsse uma «sandwiche de chóriço».

— Como a provincia ainda está atrazada! — monologou — Felizmente que daqui a trez horas estou em Lisboa!

E engulindo o «chóriço» lá se encafuou na carruagem, fria como a abobada palatina de um cadaver, porque a carruagem tinha aquecimento mas não funcionava.

Até que ás trez e meia da manhã, quando Gonçalo viu as lampadas da estação do Rocio soltou um ha de alivio. — Finalmente! Estou ah! minha terra! Estou em Portugal!

Como não apareceu ninguem a oferecer-lhe serviços, carregou com as malas até á rua onde ia caindo de bruços numa cova enorme aberta no calcetamento, procurou um automovel, e como não viu nenhum, dirigiu-se para o hotel um pouco arreliado com o peso das malas.

O hotel estava fechado, mas Gonçalo tanto bateu, que por fim veio um sujeito com um sobretudo sobre os hombros e cara ensonada perguntar com mau modo:

— Que «dexeja»?

— Um quarto! — respondeu Gonçalo de mau modo.

O homem abriu a porta, consultou um livro durante duas horas e depois declarou:

— Ha só um no quarto andar!

— Serve! Onde é o ascensor?!

— «Ixo» no ai!

— Bem! Então mande servir-me uma ceia!

— «Cheia!? A ésta hora não «ai»!

— Então um chá!

— Tambem não «ai!» Agora só amanhã ao meio dia é que começa o «chervicho» de cozinha!

— Emfim! Arranje-me um banho!

— Banho! Ah! «Ixo» se quer tomar banho tem de ir amanhã ali ao Poço do Borratem que lá é que ha uma casa de banhos!

Gonçalo já amaldiçoava a hora em que pensou visitar a Patria, quando se lembrou que alguem esperava anciosamente na Grande Cidade, noticias suas.

— Dê-me nm impresso de telegrama!

— Quem os tem é o chefe da cosinha, e agora estão «fichados!»

Gonçalo esgadanhou num pedaço de papel ordinario um telegrama e disse:

— Mande deitar-me este telegrama!

— Agora não está cá ninguem para lá ir! Se é «coija» de pressa tem de ir ao Terreiro do Paço!

Gonçalo, fazendo das tripas coração, deliberou ir deitar o telegrama. Chovia, e como não havia qualquer meio de condução, quando conseguiu acordar o empregado da estação telegrafica, estava encharcado até aos ossos. Mas uma fome medonha apertava-lhe as entranhas.

Partiu á busca de uma casa onde comesse e já desistia, depois de andar aos encontrões ás esquinas porque não via um palmo á frente do nariz, quando achou casualmente um policia metido numa porta de escada.

— Comer?! — perguntou o guarda interpelado — isso só se for no «Clubio! Olhe ali, em frente!

Gonçalo seguiu a indicação do policia e cinco minutos depois, apoz os vinte mil reis pagos á entrada, dava ingresso numa grande sala, com um certo conforto, onde uns musicos moiam um «fox-trot», e vinte e trez homens discutiam em volta de uma unica mulher, com toda a aparencia de homem.

Pediu uma costeleta. e quando ao fim de duas horas o creado lhe pôs em frente a vianda, que, de anemica que era, já nem mesmo tinha o osso, um bruta-montes qualquer bate-lhe malcreadamente no hombro exclamando:

— Saia imediatamente! A casa foi assaltada pela policia!

— Ora essa?! Porquê?

— Por causa do jogo!

Gonçalo, dizendo mal á sua vida satisfez imediatamente os cem mil réis da hipotese da costeleta e ia a sahir quando um guarda deitando-lhe a mão a um braço exclamou:

— Este já está filado! Anda d'ahi menino!

Gonçalo não teve outro remedio senão acompanhar o policia ao Governo Civil de onde sahiu no dia seguinte ao ao meio dia, depois de pagar cento e oitenta mil reis e ficar sem a carteira no calabouço onde esteve encerrado.

No dia seguinte tomou um vapor estrangeiro e regressou á Grande-Cidade.

Sports

Foot-ball escolar

Não seria bom que as Escolas, tanto secundarias como superiores, se emancipassem da tutela da Associação de Foot-Ball, na organisação dos seus campeonatos? Acho que sim.

Aquelas competições, pela sua natureza muito especial, deviam ter uma organisação propria.

Devo confessar que não me é nada simpatico o modo de vida do foot-ball, que, transformado em espectaculo rendoso, se abastardou, se viciou.

Justamente porque os vicios são muitos, e de má qualidade, não deve ser aconselhavel manter as escolas em contacto com tal meio, ainda que indirectamente.

A Associação por outro lado tem afazeres complicados, e a marcha dos seus campeonatos absorve-a de tal maneira, que pouco tempo lhe fica para cuidar dos campeonatos escolares, com a atenção que é para desejar.

E assim não é atendido o controle das condições fisicas dos jogadores, estatuido em harmonia com as edades; a condução dos jogos é confiada com frequencia a qualquer meio-arbitro, em tirocinio para os desafios de cartaz; é permitida a acumulação dos desafios escolares com os da Associação, o que implica muitas vezes, em cada domingo, dois desafios por individuo; é consentido que as escolas reforcem as suas linhas com estudantes de ocasião, matriculados só para jogarem a bola; muitos dos campos marcados são mal localisados e improprios; etc. etc. Tem a Associação competencia bastante para evitar todas estas falhas e as mais que deve haver?

Tem ela sequer a noção da sua existencia? Quem conheça, mesmo por alto, a sua composição e o seu funcionamento sabe bem que ela não tem nem uma nem outra coisa.

Por tudo isto eu desejaria vêr os campeonatos escolares, fóra da Associação de Foot-ball, com uma direcção de pessoas capazes, de que fariam parte tambem os representantes das escolas, que só lucrariam com o convivio e conselho de competentes.

F. GUEDES

PELOS CLUBS

COMUNICADO OFICIAL DO CLUB INTERNACIONAL DE FOOT-BALL

A Direcção do Club Internacional de Foot-Ball tendo tido extra-oficialmente conhecimento da resolução da Assembleia Geral da Associação Naval de Lisboa, realisada no passado dia 7 do corrente, vem afim de repôr os factos no seu devido logar, declarar que foi a Direcção da mesma Associação Naval de Lisboa, que lhe propoz a utilisação da sua Séde, em condições pela mesma Direção aceites o que se não póde efectivar em virtude da resolução da referida Assembleia Geral.

FRANCISCO JOSÉ NOBRE GUEDES

O engenheiro Nobre Guedes foi campeão de Portugal em saltos em altura sem corrida, nos primeiros jogos olimpicos realisados entre nós a 26 de Junho de 1910, sendo ainda recordman universitario desta especialidade, com 1m,40.

Espirito culto aliado a excelentes qualidades de trabalho, o actual secretario do Comité Olimpico Portuguez, tem desempenhado elevados cargos no meio sportivo, como Presidente do Club Internacional de Foot-ball, Presidente da Federação de Box e Presidente do Conselho Tecnico da Federação Portuguesa de Sports Atleticos.

Nobre Guedes é um colaborador assiduo desta pagina, onde os seus escritos sobresaem pela clareza e precisão de argumentação.

O FRANCÊS COULEAUD EM LISBOA

Podemos assegurar aos nossos leitores que o adversario do campeão nacional Tavares Crespo na noite de 4.ª-feira proxima, no Coliseu dos Recreios, é o boxeur francês da primeira série, Couleaud, vencedor de homens como Jean André, Buisson, Lemanois, Routis e Cassini.

Na mesma sessão, o francês Young Mars, tambem da primeira série, combaterá o nosso scientifico pugilista Anibal Fernandes.

Anuncia-se ainda um combate entre profissionais portuguezes para completar o programa.

SIMPLES HIPOTESES

O campeonato da Lisboa entrou na sua fase decisiva.

A victoria do Sporting sobre «os Belenenses» veiu dar aos «leões» grandes probabilidades no triunfo final.

No entanto, como em foot-ball todos os resultados são plausiveis tratando-se em especial de grupos de forças muito equivalentes, vejamos sucintamente qual o caminho a seguir, para os diversos clubs alcançarem a 1.ª classificação.

Comecemos pelo Bemfica. Os vermelhos que realisaram uma 1.ª volta nitidamente infeliz, teem 4 pontos para 5 encontros.

As hipoteses necessarias seriam:

Bemfica	vence	Victoria
Belenenses	»	Casa-Pia
Victoria	»	Belenenses
Bemfica	»	Sporting
Victoria	»	Sporting
Bemfica	»	Casa-Pia

o que daria no final: Bemfica 10 pontos — Sporting, 9 — Belenenses, 9 — Casa-Pia, 8 — Victoria, 4.

Esta solução deve ser porem abandonada, visto que a classe actual dos setubalenses, é incompativel com o seu triumfo sobre o Sporting.

Vejamos os casos indispensaveis a «Os Belenenses».

Belenenses	vence	Casa-Pia
Victoria	»	Sporting
Bemfica	»	Sporting
Belenenses	»	Victoria

O grupo de Belem tinha assim o 1.º logar com 11 pontos.

Este raciocinio peca pela mesma necessidade duma derrota dos «leões» pelos setubalenses, o que é utópico.

Passemos aos «all blacks».

O seu triunfo exige já hipoteses mais admissiveis. Teriamos assim como resultados indispensaveis:

Casa-Pia	vence	Bemfica
Bemfica	»	Sporting
Casa-Pia	»	Belenenses

Os casapianos ganhariam o torneio com 12 pontos.

Para a victoria do Sporting, nada mais lhe é necessario do que bater o Victoria e o Bemfica, sendo-lhe indiferentes os outros resultados.

A sucinta exposição que fizemos visou apenas a salientar os «scores» necessarios para o triunfo nitido de cada club, exceptuando o caso do Victoria, que não tem solução possivel.

No entanto os arranjos e permutações são tão variados, que é muito plausivel a hipotese de alguns grupos findarem os encontros regulamentares, com igualdade de pontos. O desenvolvimento desta suposição levar-nos-hia muito longe e o espaço escasseia em absoluto.

CORRIDAS E CORREDORES NA ANTIGUIDADE E NA IDADE MEDIA

Foi sem duvida pelo instincto que o homem teve a ideia do movimento.

Que se passaria, no seu cerebro, no primeiro dia da criação? Ignoramo-lo completamente; mas não devemos andar longe da verdade, afirmando que naquele dia, logo que a fome o acossou, o homem levantou-se e procurou colher os frutos consideraveis assimilaveis; caminhando, encontrou algum obstaculo que transpôs, saltando; naturalmente teve de correr observando diversos animaes que como ele, procuravam o seu alimento. E desta maneira, a marcha, o salto e a corrida fizeram ao mesmo tempo, a sua aparição neste mundo.

Na idade primitiva, a corrida foi para o homem duma utilidade maravilhosa. Tratava-se nada menos do que apanhar animaes para o seu sustento e outras vezes de não permitir que se desse o inverso. Tal foi o unico uso, que os primeiros homens fiseram da corrida.

Mais tarde, quando a caça ao homem e a guerra, substituindo a caça aos animaes, se tornaram a ocupação primordial do genero humano, a agilidade foi um dom precioso para escapar a um inimigo mais forte ou para dominar um adversario mais fraco. A corrida foi portanto o complemento da arte da guerra.

Após a invenção das armas de longo alcance, a agilidade tornou-se menos necessaria. Achilles com os seus «pés ligeiros», faria uma triste figura, nos tempos que vão correndo.

Em virtude dos serviços relevantes prestados na guerra, a corrida foi tida como uma das ocupações mais dignas dum homem livre. Pouco a pouco foi cultivada nos ginasios e tem o logar de honra, nos jogos publicos, sobretudo em Olimpia. Era por este exercicio, considerado como o mais nobre, que se realisava a abertura solene dos jogos; a lucta vinha em segundo logar.

A arte de correr, era de tal maneira honrosa, que os historiadores antigos, Thucydido, Denys D'Halicarnasse, Diodoro de Sicilia e Pausanias, quando se referiam aos jogos olimpicos nunca deixaram de mencionar o nome do atleta, que naquelas solenidades, tinha ganho o premio da corrida.

Os combatentes vencedores nos outros exercicios, nunca foram premiados com semelhante regalia, pois a corrida era merecedora não só pela sua utilidade, mas tambem pela pela antiguidade da sua origem.

Havia muitas variedades de corridas a pé: a sua diferença residia porem na distancia a percorrer.

(Continua) CORRÊA LEAL

* * *

Esta tarde no Campo Grande, o Victoria defronta o Bemfica. Atendendo ás anteriores exibições dos dois grupos, o resultado não oferece duvidas e os vermelhos devem obter hoje o terceiro triunfo no campeonato. Os setubalenses manter-se-hão firmes á cauda do torneio, servindo de «lanterne rouge».

Na II divisão, o Carcavelinhos joga contra o Chelas. O onze d'Alcantara tem a quasi certeza de obter a 1.ª classificação pois possue 5 pontos d'avanço, o que é respeitavel.

A sua situação deve hoje confirmar-se, pois uma derrota do Chelas, está dentro da boa lógica.

A. CORREA LEAL

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

QUAL É A MULHER MAIS LINDA QUE PISA OS PALCOS PORTUGUESES?

CONDIÇÕES:

1.º—Serão aceites e publicadas todas as respostas em verso que responderem a este concurso.

2.º—Ao auctor da melhor resposta das publicadas nos primeiros quatro numeros e à actriz mais votada serão oferecidos valiosos prémios.

Votos recebidos:

No concurso não me comem
Que eu tenho a esperteza fina,
A Maria Clementina
E' linda! Parece um homem!

AMOR VIUVO

A mais linda, a mais amor,
A mais bela, duma vez,
E' a Maria Alvarez
Que é pena estar c'o doutor!

BORULITA X

A gaz, véla ou «pitroline»
A mais bela concerteza
E' só a Ilda Stichini
Que tem cara de chineza!

J. P. C.

Qual é a mais linda, entre todas
As que vivem no tablado,
Qual merece minhas bôdas,
Quer saber, ó «Ilustrado»?

Pois bem, direi com franqueza,
Serei sincero a valer:
A primeira em beleza
E' a «Ilda», podem crêr!

J. DE S. LEONARDO

Como princeza de lenda
A mais bonita a meu vêr,
E' come erteza a Auzenda
Não ha outra pódem crêr!

M. B.

Em tão brilhante concurso
Tambem quero ganhar prenda!
A mais linda é a Auzenda
E eu cá por mim sou um

URSO

o momento teatral

LEA CANDINI

Ha dois tipos de italianas: ou imponentes e formidaveis, como a Tina di Lorenzo ou a Vera Vergani, e pequeninas e nervosas como esta Léa Candini, estrela de opereta, que veio fazer conflitos e suscitar invejas, revolucionar as lantejoilas e as tarlatanas do S. Luiz, e mexer num salsifré de discordia todo o mundo de bastidores. No fim de contas o grupo de italianas que trabalha de novo na Trindade, faz uma arte honesta e modesta, sem pretensões a novidade, e tem á sua frente duas radiosas, simpaticas, talentosas e fulgurantes mocidades: Candini e Siddidvo. Quando as companhias estrangeiras não fazem, como esta, uma concorrencia absorvente, dão uma nota de interesse cosmopolita á vida da cidade, e não veem falsamente reclamadas como prodigios espantosos, teem a nossa simpatia e a do publico que não percebe nada de italiano e paga em português e vai lá alegrar com a sua presença as noites da troupe.

Candini, que é uma gentilissima artista deixa e levará talvez saudades.

noites de primeira

LA «ARGENTINA» OU UMA BAILARINA QUE POR FIM APARECE

Nove horas e meia. Casa á cunha. Nos camarotes o que ha de melhor em materia prima de elegancias. Na plateia o que ha de peor em materia prima de espectadores.

Escurece a sala. Minuto de espectativa negra e... começou a fita «Rosa, La Cortijéra», estopada cinematografica em 7 partes de 30 quilometros cada.

Alguns espectadores aproveitam o caso para dormir, o poeta Sevilha que está na plateia com o queixo todo, aproveita a escuridão para dizer larachas mais ou menos liricas e a maior parte da gente aproveita a fita para dizer que a empreza cometeu um negocio escuro, que por 'mais barato já se viu a Rosa no Olimpia, e que hão-de ser sempre os mesmos.

A orquestra toca não se sabe quê. Tato, pode ser musica como qualquer outra coisa propicia ao ambiente. Alguns espectadores entram a compasso com a orquestra e tentam pôr aquilo a direito, mas a breve tempo, descobre-se que o mau sestro da musica é devido á regencia do maestro que consegue fazer sarampo na alma do mais sereno.

São 11 e meia e a fita continua.

Alguns espectadores esperam apenas o ultimo carro para se rasparem dizendo mal do Ricardo Jorge, outros vão de vez em quando ao bufete tomar agua de Vidago para acalmar os nervos, e a fita continua sempre, muito aborrecida da vida, em constante litigio com a maquina de projecção que, pelo barulho, parece uma maquina de caminho de ferro, e com o «écran» que se não é feito de umas cuécas velhas do Luiz Cardoso é coisa muito peor.

Por fim, já quando tudo está muito aborrecido, acaba o fim da ultima parte. Ha um ah! de alivio. Alguns espectadores que já não se viam desde que a fita tinha começado, trocam parabens, abraços de congratulação etc., etc.

Aparece «La Argentinita» e a gente fica satisfeito. Sim senhor! Tem salero, tem gracia, tem tudo que as espanholas teem quando são boas.

Canta, baila e saracoteia-se que até parece que o mundo se vae acabar de repente e, se a sua voz nos faz lembrar uma maneira de cosinhar ameijoas, o bater das castanholas recorda-nos um molho vermelho que se costuma deitar nos carapaus assados.

Na platéa, ha palmas, «olés», requerimentos de sorrisos. As senhoras aplaudem invejosas e os homens recordam uma espanhola que conheceram nos seus tempos de rapazes.

«La Argentinita» aparece de novo e agora trabalha em caricatura, cheia de graça como a Avé-Maria, trazendo nos seus labios saudaveis uma alegria que nos faz cócegas. Mais palmas, mais festas; o Rogerio Perez tira apontamentos para os seus estudos da «gazeta», a colonia hespanhola embandeira em arco e como são duas e meia, a gente pergunta para que demonio houve aquela injecção da fita.

ANDRÉ GODIM

(«Croquis» de Martins Barata.)

cá por dentro

— No proximo verão será representado no Teatro Apolo uma opereta de costumes lisboetas intitulada «O menino do Castelo».

— Foi contratado para o Teatro Apolo como ensaiador, o actor José Climaco.

— Foi contratado para a futura exploração do Teatro do Ginasio, o actor Matos Reis.

— Na proxima quarta-feira 25 realiza-se no Eden-Teatro uma recita promovida pela A. C. T. T. que constará da representação da opereta *João Ratão*, sendo os papeis masculinos interpretados por autores dramaticos.

MARIA VICTORIA

A revista de actualidade, tão querida do publico, «Rés-Vés», com Laura Costa, a encantadora «divette», em cinco numeros novos e sempre repetidos.

EDEN

«Fructo proibido», a grande revista popular, com tres numeros novos de grande sucesso.

S. CARLOS

Em breve, reaparição da companhia Lucilia Simões.

NACIONAL

DICKY peça de movimento, graça e sentimento, com Stichini, Maria Pia e Ribeiro Lopes.

Conjunto equilibrado e brilhante.

S. LUIZ

Grande sucesso de arte com a celebre tonadillera e bailarina «La Argentinita» que ocupa duas partes do espectaculo. No «ecran», o «film» «Rosa, la Cortijero».

APOLO

A revista popular «Mola Real» com a alegre Elisa Santos, fatasia e bom humo.

AVENIDA

A encamtadora opereta «Susi», pela companhia Satanela-Amarante. Explendido desempenho da admiravel actriz Luisa Satanela, musica lindissima.

POLITEAMA

O grande sucesso da temporada: «A mulher nua», a notavel peça de Bataille, com Alexandre de Azevedo, Amelia e toda a companhia.

TRINDADE

«La bayadera», a deslumbrante opereta, pela companhia Léa Candini. Desempenho magistral desta admiravel actriz, e de toda a companhia.

COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noite e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moderno e movimentado.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A ULTIMA AVENTURA DE JOÃO BRANDÃO

QUANDO em Outubro de 1896 me apresentaram em Coimbra o Dr. Saturnino, eu estava bem longe de supôr que mais tarde saberia, acerca da sua mocidade, tão rocambolesca historia.

E porque a historia é inédita e se prende a essa curiosa figura de salteador e de bohemio que foi João Brandão, ha o direito de a exumar de papeis velhos, arejá-la de pormenores que já não interessam, e apresentá-la em meia duzia de linhas, neste conto relampago de domingo, como reportagem dum passado que o leitor já não conheceu, e que é o triste juro de cincoenta anos de acidentada vida.

* * *

Um bacamarte, um varapau e uma faca, boa espora de prata, calção de briche, a barba cuidada, as mãos finas, o olhar negro, feroz e dissimulado, herculeo de ombros e quadrado de tronco, másculo, insinuante, soturno, ironico, um pouco prognata e um pouco estrábico, tal era a figura desse estranho e sinistro neurastenico que cortou a sangue as Beiras e foi da Covilhã a Celorico, de Vizeu a Coimbra, o terror das gentes e a preocupação das guardas.

João Brandão, que fôra recebido em alcôvas de fidalgas e de criadas, pela histerica e mistica sensualidade dalgumas mulheres, nunca amara. Um alto degenerado, com assimetrias faciais e taras ingenitas, tôrvo e cinico, não se lhe conhece sombra de ternura ou piedosa compaixão. Por isso, o incidente do Dr. Saturnino, tem o interesse de apresentar o historico bandido por um

prisma por que não figura na literatura de cordel que o celebrisou.

Foi na Lageosa, logarejo a caminho da Guarda, em pleno verão de 1861 que se localisou o unico drama sentimental de João Brandão.

Miguel Pais Saturnino foi lavrador abastado, sendo grande a sua cerca de vinhedos e olivais e tirando em terras de regadio, sementeira e varzea muito além de dez contos de renda segura. Não tinha filhos o proprietario de todo o Casal Novo do Conde, da Quinta e Lagoal de Santo Ambrosio da Serra e de tantas e largas terras.

Viuvo e seco de afectos, tido e havido como usurario, a sua unica afeição além duns sobrinhos afastados e que de afastadas relações trazia, era o afilhado, mimo e graça da casa, seu unico sorriso de bom humor.

E com efeito, o Luisito, era um encantador garoto dos seus 6 anos, esperto, vivo, moreno, e *elastico*, com dois olhos admiraveis, tão lindos que o padrinho, ao senta-lo nos joelhos, dizia-lhe: — Mal empregados num rapaz, estafermo!

* * *

Tinham, João Brandão e os seus quatro homens mais fieis, deixado pela manhã da vespera, Vila-Chã, e só a custo de galope forte, ao começo da tarde passaram ás portas de Celorico, indo, como de costume, a uma venda afastada, deixar as cavalgaduras e esperar a noite. Nesse tempo um roubo e um assalto, em pleno campo eram seguros, desde que matar para roubar fosse o lema — e era-o sempre, nos emprehendimentos do terrivel facinora.

Mal se divisaram as estrelas e a luz do serão se apagou no tranquilo casal de Miguel Saturnino, já os bandidos, com pedaços de lã nas botas e um bolo de Feira de Trancoso envenenado para os cães, saltaram para o pateo da abegoaria, por detraz da cerca.

Meia hora se tanto, uma poça de sangue na cocheira e dois creados calados para sempre, e João Brandão estava, palido e cinico, revistando tranquilamente a casa toda. Miguel Paes nem lutara, fôra assassinado na cama.

Tudo na casa era silencio; apenas as tampas das arcas estoiravam, á força de pés de cabra e dos escopros, de quando em quando.

Brandão, em pé, comandava, e os outros, subjugados pela sua voz sibitante e áspera, obedeciam como militares.

* * *

— «O padrinho?» E uma creança, nua, uma vela na mão, assomou á porta. Era o Luizito. João Brandão, pela primeira vez, estremeceu.

Essa debil testemunha, inesperada e ingenua, deixou-o perplexo. Um homem levantou o pau e João Brandão fez-lhe logo signal para que se aquietasse.

— «Que o padrinho estava ali, que se fosse deitar, que iá já, que eram todos amigos», e ele, o proprio bandido, reconduziu a creança — á cama.

* * *

Quando do inventario de Miguel Paes Saturnino, viu-se que não havia testamento nem disposição particular.

Toda a fortuna foi herdada pelos sobrinhos, que se deram ares de contristados, e com luto de um ano tomaram logo conta das casas e terras.

Luisito foi posto á margem, e em três meses tinha trocado a bôa enxerga fôfa que lhe dera o padrinho, pelas palhas do curral onde dormia com os porcos que de dia guardava.

* * *

Só um ano depois, João Brandão voltou de novo ao casal de Santo Ambrosio e ás terras que tinham sido de Miguel Pais Saturnino. Soube da sorte dos parentes e viu, uma manhã, o pobre Luisito no monte, com a sua vara de porcos, descalço e roto. Mentalmente evocou a scena nocturna. Uma especial ternura, uma inexplicavel e unica ternura em si, foi essa pelo pobre Luisito, que o seu crime arrastára para uma vida miseravel, quando tão grande futuro lhe estaria reservado.

Na sua mente, anormal e doente, passou um plano de bondade: tomar ele o lugar de Miguel Pais.

* * *

Cinco dias mais tarde, na Tia Margarida, ao Quebra Costas, em Coimbra, ficava á noite, entregue pelo almocreve da feira uma creança: era o dr. Saturnino. Trazia a mezada dum ano, e um bilhete: Chama-se Luiz Saturnino, é filho natural do Saturnino morto, é um amigo deste paga-lhe as mezadas. Casa, fato e estudos, duas libras ao mês . . .

* * *

Na cadeia de Coimbra, muito antes do julgamento de João Brandão, preso pelo crime recente do assassinio do padre Portugal, já toda a gente dizia que o bandido era condenado á morte. João Brandão estava velho, cançado e doente. A falta dos dentes tirava-lhe a mocidade, e curvava um pouco para a frente o seu largo arcaboiço forte e pesado.

Foi num domingo de manhã, que numa casa da R. da Matematica o dr. Saturnino, recebeu esta carta do Tribunal da Relação:

«O preso João Brandão pediu para lhe falar antes da primeira inquirição de testemunhas. A hora da visita é até ao meio dia.»

O Dr. Saturnino estremeceu. Ele sabia bem pela tradição que seu pae, havia sido victima do facinora, e esperava, como tantos, a justa execução do culpado. Que lhe pretendia pois?

* * *

— E' o dr. Saturnino? — disse erguendo-se o preso, e arrastando as cadeias que o enleavam.

— Eu proprio. O que pretende de mim?

— Mandei-o chamar, sr. dr., porque queria vê-lo . . . E porque lhe queria pedir que assistisse ao julgamento. Eu não tenho advogado. Não tenho agora dinheiro para o pagar.

Só alguem por esmola me pode ir defender.

— E escolhia-me a mim?

— Conheci seu . . . pae . . .

— Basta! Conheceu-o demais — Era

o que faltava, que o filho duma victima defendesse o algoz de seu pae. Será castigado João Brandão pelos seus crimes, e todo o castigo que sofrer será pouco!

— Seja bom, sr. dr.! balbuciou o preso, sucumbido por esta atitude de Saturnino.

— Bom?! E é você que pede bondade, você que nunca sentiu um momento de compaixão por ninguem!

— Não ha ninguem no mundo bom, sr. dr . . .

— Oh! se há! Ao pé de si, ha verdadeiros anjos. A quem devo eu o que sou, senão a uma dessas almas de bondade, ignoradas e modestas, que fogem de todo o agradecimento. Durante quinze anos, se não fosse a mezada desse grande amigo de meu pae, que seria hoje de mim?

Como se uma mola o tivesse impelido do catre, João Brandão ergueu-se:

— Ah! Sr. Dr., esse era uma grande alma?

— Sim, um grande coração, a quem serei eternamente grato . . .

— Está bem, Sr. Dr. . . . Isso me basta . . . Desculpe-me tê-lo incomodado a cá vir. Desculpe-me . . .

E nos olhos do bandido passou talvez a primeira lagrima . . .

. . . .

Só quatro anos mais tarde o Dr. Saturnino Coelho soube, pela confissão da velha Margarida do Quebra-Costas, que devia ser o facinora João Brandão o homem que durante quinze anos o sustentou, anonimamente, em Coimbra.

O Reporter Misterio

QUEM dos telefones não conhece mais nada do que os aparelhos que estão ao alcance da boca, e apenas sabe — quando sabe — pedir um numero para a estação, tem esta ideia acerca das «meninas do telefone»:

Trata-se dumas duzias de meninas que se reunem numa casa — a estação — em amêno cavaco, com o fim de passarem umas horas distraidas, e que, de vez em quando, por desfastio, lá estabelecem uma ligação, e ainda assim errada, entre dois subscritores que estejam fartos de berrar.

Atravez os fios telefonicos chegam mesmo ás vezes á estação injurias e agravos, ofensas e ditos, «porque as meninas estão a conversar», «para que se deixem de namoros e deem atenção», e cá de longe, mentalmente o subscriptor evoca a scena, e fantasia as meninas, recostadas sobre «mapples» tenros pegando como orientais indolentes nas cavilhas de ligação com a lassidez de fumadores de opio...

Ora a verdade é que nesta fase transitoria da sociedade em que todos, aos encontrões, procuram arrumar-se melhor ou desarrumar-se de vez, ao pé de certos parasitas superfluos que nos pejam a vida, estas raparigas dos telefones são um grande e nobre exemple de trabalho. Os senhores não sonham o que é o exaustivo e formidavel esforço que se exige duma telefonista, nem como o seu trabalho, persistente, ininterrupto, brutal de actividade, é, embora anónimo e escondido, alguma coisa de grande e de respeitavel. A quem pela primeira vez transponha a grande sala da estação norte, onde dezenas de telefonistas atendem essa tremenda avalanche de chamadas que surgem num minuto, não é sem ternura contempla esses dorsos curvados sobre o imenso parapeito dos numeros, alongando-se febrilmente sobre os sinais de alarme, atendendo a um tempo a duas e tres indicações, premindo um botão, ligando uma cavilha, chamando as reclamações, corrigindo um erro, desdobrando-se, multiplicando-se em mil atenções, um trabalho extenuante, infernal, dispersivo e realmente violentissimo.

E' a vida inteira duma grande capital que se agita, o tumultuar intimo dum organismo monstro, o entrecruzar de mil negocios, de mil combinações, de mil sorrisos, de mil injurias, tudo atravez duma meza cortada de milhares de fios.

E esses milhares de fios reunindo-se e desligando-se, correndo, estacando, vivendo, tem o quer que seja dos canais sanguineos dum ser gigantesco, a cujas reconditas e interiores combustões nós assisteissemos, em celulas descomunais e em centros nervosos formidaveis.

Eu não sei que sensação especial me deu, ver ali a agitar-se, a estrebuchar, a palpitar, com essa força viva e elastica dos fios, com essa misteriosa parcela de humanidade que tem toda a energia electrica, a cidade inteira, em toda a sua vida de comunicações, dos negocios dos «rendez-vous do amôr», da politica ás miserias inconfessaveis, dos recados banais ás grandes noticias,

As meninas das reclamações debruçam-se sobre enormes calhamaços, quando nós cá de longe supomos que estão tranquilamente a namorar

cruzando-se tudo, como num enorme coração impulsor, pela mesa da menina telefonista da estação do Norte...

Como se podesse «namorar», como se podesse conversar, como se pudesse distrair-se um segundo sequer uma telefonista? E' preciso saber, que as cavilhas, saltam-lhe nas mãos com a velocidade de bilros, nas mãos duma rendeira de Peniche. Que uma paragem dum minuto ocasionaria um tão formidavel atraso e complicação, que toda a estação se aperceberia de que a telefonista se distraira um minuto do serviço!

Para essas raparigas, admiraveis e encantadoras proletarias — encantadoras sobretudo pelo misterio que as envolve atravez daquele murmúrio fresco do «para onde deseja?» — são pois as nossas saudações que envolvem sempre os que trabalham. Para elas vão o nosso respeito e o nosso reconhecimento — lembrando-nos das horas de tragedia que Lisbôa tem vivido e em que essas raparigas, abnegadamente tem servido a população, acalmando tanta anciedade e enxugando, com uma noticia amiga, tanta lagrima de mãe e de esposa.

* * *

O telefone tem amigos, tem inimigos e tem indiferentes.

Os inimigos são os pais de familia que teem seis filhas e que tendo um horario de namorados bem combinado, nunca conseguem falar para casa. Os amigos são justamente os namoros dessas seis filhas, que na repartição, no escriptorio, no quartel, na escola, na oficina, ou na loja, distraem os vícios mergulhando no bocal alguns pensamentos de amôr e bastantes perdigotos — e mais todos aqueles que com uma chamada evitam trepar a calçada da Gloria; os indiferentes são os que descrêm do telefone, como quem descrê do amôr.

E, de resto fiquem-se com esta: do telefone, como do amôr, toda a gente diz mal e ninguem passa sem êle...

Emoções Telefonicas

— Mau! Lá temos agora o telefone! Quem demonio será que me vem interromper!?

— Está lá?! Está lá! Mau! Está lá! Homem! Se não está diga, que eu tenho mais que fazer!

— Ah! E's tu? sou eu, sou, o teu maridinho! Não, não incomodas nada! Dize, meu amor! Se estou bem disposto? Muito! Dize, minha vida!

— Tua mãe está mal!? Quê? uma pneumonia tripla!? Com certeza!? Tambem febre escarlatina?! Então não escapa com certeza!! Coitadinha!...

— Quê? Oh! Demonio! Ir tratar-se para nossa casa!? Bem sei que é tua mãe mas o pior é que tambem é minha sogra!

AS NOSSAS CAPAS

Os tumultos em Lisboa

Mais um atentado dinamitista que longe de sintetisar uma ideia (dando de barato que uma ideia caiba dentro de um cilindro mortifero). Apenas veiu lançar a dôr em alguns peitos inocentes.

O Pinheiro maluco

«Oh parasitas! Oh porcalhonas! Porcalhões dum povo!...»

Não foi vereador nem ministro por simples casualidade. Não lhe falta nem audacia nem guelas e teem lá ido muitos com menos gramática. Deita fala aos homens, ás senhoras, ás creanças, aos carros, aos militares, ás varinas, aos mictorios, aos cães, aos gatos e ao senhor doutor Bernardino Machado!

São todos, para ele, mais ou menos «parasitas» e perfeitamente «porcalhões». — A's senhoras manda lavar a casa, aos homens manda lavar os pés. A certo politico de pera, a quem encontrou na estação do Rocio, mandou fazer a barba e a um agente de policia que tinha e tem negociatas, mandou «descalçar as luvas». Traz uma alcofa onde diz que cabia o mundo se só ficassem os «limpos».

Fala de Belzebuth e da Biblia e rima a «gloria eterna» com «bôa perna». Em geral fala em verso e mete palavras dificeis, usa muito passagens do Evangelho que decora e mistura-as com o rol das compras.

Então, na sua boca passam numa grande confusão as maximas solenes de S. Lucas e a carne limpa para bifes, S. Pedro e S. Paulo e o «toucinho entremeado». Conceitos do Purgatorio e os cheirinhos para a panela.

Fala quando tem ouvintes e quando os não tem; é o sport da eloquencia a sua razão de ser. Mas debaixo de tudo aquilo houve um drama de miseria. Aquele homem viveu feliz e teve casa e fortuna, mas uma mulher tornou-o lunatico e maniaco. Por isso quando as vê, os olhos brilham-lhe mais, a boca toma um rictus singular e cruel.

Depois todas as recordações desaparecem na aluvião de pensamentos que lhe assalta o cerebro, e o axioma torna a ser eternamente o mesmo:

— «Oh parasitas! Oh porcalhonas! Porcalhões dum povo!»

O povo escuta-lhe por vezes as filosofias de algibeira e as barbaridades de ocasião, e por vezes, saltam comentarios de: Tem razão, sim senhor, é maluco mas diz a verdade! Se todos pensassem como ele, isto era outra coisa!

E o Pinheiro segue sempre no uso da palavra, sem se importar com os apartes, a não ser quando lhe chamam «talassa», epiteto que na sua opinião é mais que tirano, autocrata, despota, ou qualquer coisa ainda pior.

Consultorios

Secção a cargo de José Pedro do Carmo (*Zépèdro*).

QUADRO DE HONRA

PAM

CARMO & ZÉ

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 3.

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Charadas em frase: Pentamero — Pianola.
Logogrifo: José Pedro do Carmo.

ENIGMA

Respondendo a "UM LEITOR"

Um leitor de Aviz, pergunta
Em postal mui delicado,
Qual a norma de um enigma
E como ele é decifrado.

Eu explico: Vulgarmente
O criterio que adotâmos,
E' buscar uma palavra
Com dez letras, suponhamos.

Se a primeira e mais a ultima
Derem nota musical,
Ahi tem uma fracção,
Ou conceito parcial.

Se juntar á quinta e sexta,
Setima, terceira e mais
A oitava, nona e decima,
Tem outra das parciaes.

Da terceira até á sétima,
Todas elas a seguir,
Encontra-lhe um algarismo,
Ou *nada* se lhe convir...

Na sexta mais a segunda,
Repetição vai buscar;
Tambem nota musical,
Nas mesmas pode encontrar.

O que exponho é um exemplo
Ou simples explicação,
Onde encontra o que me péde:
O enigma e solução.

ZÉPÈDRO

CHARADA EM FRASE

A luz é medida por esta medida—2—2.

REI DO ORCO

LOGOGRIFO

Sobre o belo soneto «A maior dôr», do mimoso poeta Tomaz de Miranda Reffoios.

Quando eu era *criança*, minha Mãe—3—E—5—8—5—7.
Narrou-me a historia linda dumas fadas,
Que ouviram tres velhinhas alquebradas,
Contando as suas *mágoas* a alguem—1—16—13—E—11.

Amei-disse a primeira-e fui amada.
Era *feliz*, então!... Jámais a dor—15—4—12—2—11—7.
Toldara o céu risonho dêsse amor
Mas *um* dia, sem dó, fui despresada—14—9—6—14—13—4—11—3—14.

Foi eu-a outra diz-mais inditosa,
Vi que a Morte *cruel* e impiedosa—3—13—10.
Levava o sonho, que eu acalentei...

Mais que vós-diz a ultima chorando,—
Sou eu, que a vida inteira andei sonhando
Com um Amor... e nunca o alcancei!...

PAM

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta seção deve ser endereçada ao seu director, e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

DOENTE—Não recomendamos especialistas. No entanto, não temos relutancia em afirmar que o dr. Cascão de Anciães, especialisado em Berlim com o Professor Strauss, é quem hoje com mais competencia póde fazer os delicados exames das funções do estomago.

DIANA—Não vejo indicação especial para ares do mar. Desde que a creança esteja ao ar livre e tome banhos de sol ao corpo todo, regulados pelo medico, ou a praia ou a montanha ou a planicie, satisfazem.

UM RAPAZ—Não ha nenhum tratamento preventivo. De resto todos os cuidados são poucos porque a doença é mais do que generalisada, é comum, e o microbio muito virulento.

BEXIGAS—E' impossivel que na localidade não haja vacina fresca. Queixe-se á junta da paroquia que tem obrigação de providenciar.

PAE — Nessa edade é freqüentissimo. A «Coqueluche» cura-se com os medicamentos que diz, ou com outros e até sem nenhuns.

VELHO-NOVO — As teorias que explicam a calvicie são imensas. O crescimento provocado por medicamento é teorico. Mesmo que praticamente obtenha resultados visiveis, são efemeros. Tudo depende do equilibrio organico geral—proporciona-lo, eis tudo.

As lampadas de raios ultra-violetas têm uma acção tónica geral interessante. Só lhe poderão fazer bem.

O MEDICO DO DOMINGO ILUSTRADO

XADRÊS

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 5

Por F. Schruger

Pretas (3)

Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Solução do Problema n.º 4

1. T. 3. R. – C. toma T. (forçado porque as Brancas ameaçam mate ao segundo lance com o C.) 2. C. 2. B. R. Pretas ad-libitum 3. Mate com um ou outro C. Este problema faz lembrar um outro celebre de Alfredo Musset.

Resolveram o problema n.º 3 os srs. Afonso Moutinho, David Benoliel, Beja e Sousa, Gomes de Pina e Nunes Cardozo.

Na semana passada Paris presenciou o extraordinario espetaculo de uma sessão de vinte e oito partidas de xadrês simultaneas jogadas *sem ver* por Alekhine, com o resultado de 22 ganhas, 3 empatadas e 3 perdidas. Esta sessão memoravel durou perto de trêse horas.

UM CURIOSO — Agradecemos a quantia enviada para os nossos pobres. Essas moedas são muito raras em Portugal. Não teem cotação rigorosa. A' Sr.ª D. Guilhermina de Jesus, numismata, ou á Associação dos Arqueologos, pode dirigir-se para avaliações precisas.

UM ESTUDANTE — São muito raros os monumentos greco-romanos. O monumento que aponta não tem valor arqueologico que mereça algum estudo especial.

Vida académica

CONFERENCIA NOTAVEL

Foi, sem sombra de dúvida, uma conferência notável a que sob o tema «La jeunesse intellectuelle», M. André Fribourg, enviado extraordinário da França ás festas do centenário de Vasco da Gama, fez na Sociedade de Geografia.

Notável não sómente como peça oratória, de fino recorte literário e emoção patriotica.

Notável não sómente pelas referências de aprêço tecidas ao nosso país que os seculos unindo veem á França pelo dôce espirito da latinidade.

Notável, sim, tambem porque M. Fribourg é o apóstolo do intercâmbio intelectual da mocidade franco-lusa. E, sob êste ponto de vista, a conferência encerrava uma importância de grande magnitude e de subido valor para aqueles que, ainda nos bancos dos estabelecimentos universitários, pensam na maneira de trilhar o caminho mais seguro no labirinto da vida prática.

Advoga êsse erudito professor de historia da Universidade de Paris uma estreita e reciproca permuta de valores mentais docentes e escolares entre a Pátria de Camões e a Patria de Voltaire. Como garantia absoluta de tam util e elevada iniciativa alvitra a creação de cursos da nossa lingua nas universidades francêsas e a fundação duma residência de estudantes, em Paris, além doutros meios mais ou menos viaveis e conducentes a tal fim.

A concessão duma instrução complementar além—Pirineus, após a conclusão dos cursos nacionais ou no periodo do seu decurso, visa uma vantagem que não precisa de ser enaltecida para lhes apercebermos o alcance.

Numa epoca, como a que atravessamos, em que as faculdades universitarias lutam com a falta e a carestia assombrosa de materiais, aparelhos e utensilios para um eficaz e normal exercicio das suas funções, o intercâmbio entre as universidades portuguesas e francesas impõe-se mesmo «á priori».

Além disso, a permanencia num centro de civilização e progresso, como por exemplo, a cidade de Paris, e a freqüencia dos seus institutos educativos não podem ser, de forma alguma, postos á margem dos programas e meios de regular acção das universidades, pois só dessa arte o ensino universitario conseguirá dar à mocidade estudiosa aquele âmbito de instrução e plenitude de conhecimentos que é mister possuir.

O progresso não estaciona, as sciências evoluem, mas Portugal, êste rincão de terra debruçado sôbre o oceano á procura de novos mundos a conquistar, continua sendo o Portugal ronceiro, enquanto não deixar de o ser, caminhando na rectaguarda do descobrimento do mundo do século XX — o século das novas ideias e dos novos processos de utilização scientifica.

A. de C.

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 4

	Brancas	Pretas
1	12-16	10-12
2	4-8	12-3 (D)
3	20-24	31-20-2
4	*1-6	2-9
5	5-14	3-17
6	13-22-31	

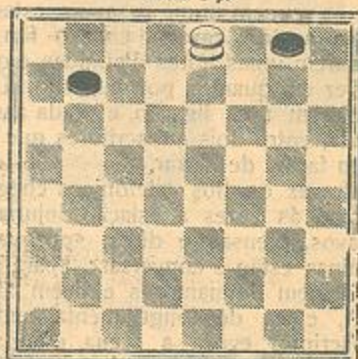
faz Dama e ganha

Esta numeração é a das casas pretas contadas sempre da esquerda para a direita, do lado das Brancas para o das Pretas.

PROBLEMA N.º 5

Alguns amadores desta secção de problemas do Jogo das Damas não tendo resolvido o problema n.º 1 do «Domingo Ilustrado» de 18 de Janeiro, ao verem a solução inserta no de 25 do mesmo mês, declararam que a posição resultante era uma situação de empate, porquanto uma das pedras pretas forçosamente chegaria a Dama.

Para provar-lhes a impossibilidade dessa conclusão, ofereço-lhes essa posição como o enunciado dum novo problema, declarando-lhes que a Dama branca tem deante de si dois caminhos diferentes para conseguir o seu fim.

Pretas 2 p.

Brancas 1 D.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Expediente

Vamos proceder á cobrança das assinaturas de "O Domingo ilustrado".

A fim de nos evitarem despesas e transtornos, esperamos que os nossos presados assinantes satisfaçam os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

Carta de Paris

A eterna mocidade da mulher moderna

Todos os escritores contemporaneos constatam que a mulher moderna se conserva moça até muito tarde. As actuaes avós são... raparigas. E muita gente admira-se d'isto. Mas nós outras, mulheres, não nos admiramos de tal, pela simples razão de que todas sabemos que a mulher d'hoje, não só cuida mais da sua beleza, mas tem o cuidado de trazer vestuarios que lhe conservam a sua linha de juventude.

A mulher d'hoje sabe que não deve deixar-se descuidar do seu corpo, pois engordar é envelhecer. O corpo bem amparado conserva-se flexivel, direito, não descae.

Tanto como qualquer vestido, um espartilho deve ser adaptado a cada hora do dia: Por isso, damos aqui trez modelos de toilettes diversas, bem como os espartilhos destinados a cada uma d'ellas.

O «tailleur» de casaco comprido exige a bainha de jersey, cortada por largas tiras de tricot sobre os lados, depois, é um lindo vestido de passeio em crêpe setim ornado de plumas, com o qual se usará um lindo espartilho de seda; emfim, sob o vestido de «soirée» usar-se-ha uma cinta «gaine», em setim, que dará uma encantadora elegancia.

As mulheres advogadas

Num artigo que encontramos numa revista franceza, um grande advogado parisiense mostra-se um pouco sceptico sobre a possibilidade que as mulheres podem ter de se tornarem boas advogadas.

A proposito cito uma frase de Necker, pouco amavel, aliás, que diz: «Quereis fazer prevalecer uma opinião, dirigi-vos ás mulheres: ellas recebem-a facilmente porque são ignorantes, espalham-a com rapidez porque são faladoras; sustentam-a muito tempo porque são teimosas».

Parece concluir-se disto que elas tem naturalmente todas as qualidades que fazem um bom advogado. Pois não é assim, acrescenta o escriptor. O estudo e a comprehensão de certos processos, a exposição clara e logica de muitos negocios, não são coisas tão faceis como se julga. Não basta ser falador para advogar bem. Pelo contrario. Porque o falador depressa aborrece e se torna insuportavel. Cança a atenção do juiz e fatiga-o, sem o convencer. Póde-se ser um excelente conversador e não possuir a arte da palavra em publico. Falar e saber conduzir a voz é uma coisa muito dificil. São precisas varias qualidades fisicas, uma força e uma resistencia nervosa que raras mulheres possuem. Um discurso de defesa exige uma despesa de energia e uma tensão tão grandes como um duro assalto de esgrima. E' preciso tambem, para prender a atenção e para convencer, uma qualidade que raras vezes se encontra na mulher: a auctoridade.

... Apesar de tudo isto, em França ha já numerosas mulheres advogadas. E entre nós ha já algumas.

Maneira de decalcar um desenho

Para se obter a reproducção dum desenho, aplica-se uma folha de papel vegetal sobre o desenho que se pretende reproduzir. Prendeu-se com um alfinete, cuidadosamente, o modelo e a folha, pois pode suceder que tenhamos de interromper o trabalho, e depois é difícil ajustar de novo o desenho. Em seguida seguem-se todos os contornos do desenho com tinta de decalcar; quando este decalque está terminado, deixa-se secar durante algumas horas; em seguida repuxa-se bem o pano afim de que não se produza a menor prêga, põe-se por cima o papel onde o desenho está decalcado (o lado da tinta sobre o pano); pica-se então o papel e passa-se levemente um ferro moderadamente quente sobre a superficie. Este mesmo desenho pode servir duas vezes.

A beleza vem quando se dorme

Um dictado antigo francez indicava esta noção de beleza. Parece á primeira vista um disparate e não o é. Na verdade, um rosto cuja pele estava e é exposta constantemente ou ao frio, ou ao vento, ou ao calor, é raro que não sofra violentamente com isso. D'ahi varias causas, que seria longo enumerar, de perda de beleza. Ora, além dos cuidados que é de uso aconselhar em taes casos, ha um que dá excelente resultado: ao deitar da cama passa-se pelo rosto uma leve camada de «Cold-Crême Marya». Não se enxuga; deixa-se ficar. Durante a noite o preparado, que é duma grande pureza, exerce um efeito altamente benefico. No dia seguinte, lava-se o rosto com um sabonete que seja bom. E de novo passa-se uma camada muito leve do mesmo crême, limpando com um lenço muito fino. Por cima um bom pó darroz. Mas bom não quer dizer caro. O pó darroz «Marya», que é barato, só tem egual, em qualidade, no estrangeiro.

Bolo de batata

Coser batatas, de preferencia ao vapor dagua; tirar-lhes a pele e passal-as no passador. Para 500 gramas de «puré», juntar 250 gramas de farinha, 125 gramas de manteiga e um pouco de sal. Amassar bem, formar um bôlo da espessura dum centimetro e cavar gargantas profundas a toda a roda, apertando a pasta entre o polegar e o indicador. Dourar com um pouco de leite. Coser a forno quente, de maneira que a pasta se torne quebradiça.

CÉLIMENE

Os câes da moda e a moda dos câes

Qual o motivo porque todas as senhoras sentem uma particular simpatia pelos cães?

Eis uma pregunta a que os cronistas de «Eva» não sabem responder nem mesmo quando, na ancia de desvendar os mil segredos da eterna Esfinge, criam á complicada maquina que é a alma feminina, outros segredos novos, jámais sentidos pela mulher e que apenas lhe embaraçam mais os caprichos.

Mas, seja qual fôr a razão, é certo que o cão mereceu sempre á mulher um carinho especial, uma predileção que, atravez a historia nos é trazida como prenda inerente á complicada maneira das mulheres.

Desde o debil «toy-terrier» tremelicante e inexpressivo que se agazalha tremendo na fofa pelugem das «boás» e dos ursos do polo, até ao «bull-dog» caricatural e repontão que fica de guarda vigilante á sombrinha deixada no automovel, os cães teem nas mulheres a melhor «bandeira de misericordia», a mais grata das amizades, e a mais desinteressada simpatia.

Por isso a moda, com o seu olhar de Argus constante ditou agora em New-York o uzo dos cães, uzo que sendo iniciado pelas grandes «estrelas» do cinema americano, em breve se estendeu ás mais afamadas elegancias. Assim, estipula a ultima moda, que para passeio matutino a mulher deve fazer-se acompanhar por um galgo, pernalta elegante, na excursão da tarde por um São Bernardo respeitavel e felpudo e de noite por um Lobo da Alsacia, esbelto e vivo, pronto a filar nas mandibulas o primeiro traseunte suspeito.

Não se dirá que os americanos não aliam sempre uma ideia pratica a um novo capricho da moda. Em tão selecta companhia, qualquer «yankee» elegante poderá afoitamente dirigir-se a toda a parte porque, se pensarmos bem, é muito mais para receiar a dentuça de um cão do que a destreza de uma bengala.

Não sei se a moda dos cães da moda chegará até ás nossas «silhouettes» do Chiado mas se isso acontecer, á falta de lobos de Alsacia ou de galgos pernaltas que não se dão bem com o nosso clima, deve ser a nota do dia ver M.elle X. entrar para a Garrett seguida do seu perdigueiro ou admirar madame Z. sahir do seu «Benz» acompanhada pelo seu podengo de estimação...

Actualidades gráficas

A Tuna de Coimbra em S. Carlos

O GRUPO QUE COMPÕE A TUNA ACADEMICA DE COIMBRA E OS SRS. ANTONIO DE ALMEIDA POLICARPO, EDUARDO BORGES MASCARENHAS, JOSÉ

TORCATO LEIRIA E JACOB PINTO CORREIA, RESPECTIVAMENTE PRESIDENTE, VICE PRESIDENTE, SECRETARIO E TESOUREIRO.

Pela Diplomacia

A partida do antigo e brilhante jornalista Costa Carneiro, que tem desempenhado as funções de chefe do protocolo dos Negocios Estrangeiros, para Tokio, onde vae assumir o seu lugar de ministro portuguez no Japão.

Pelos Teatros

Os actores dos teatros de Lisboa, á saida do Congresso da Republica, onde foram pedir para ser suspensa a lei que elevou ao quintuplo o preço dos diplomas de representar.

PUBLICIDADE

ANUNCIOS UTEIS

A publicidade tem de ser feita com inteligencia, senão é inutil a quem anuncia.

O «Domingo ilustrado» é um semanario que ha 4 mezes está instalando por todo o paiz as suas agencias e tem portanto uma enorme expansão desde o seu inicio. O *anuncio especialisado* é o mais util de todos. Assim, na *Pagina feminina* o anuncio que interessa ás senhoras; na pagina de desporto o anuncio que interessa aos «sportsmen» etc. etc.,

Fuja de anunciar no *cemiterio dos anuncios* que são as grandes paginas de anuncio dos periodicos diarios os quais têm a vida efemera dumas horas.

O «Domingo ilustrado» vae a toda a parte, guarda-se, está nos «clubs», nos barbeiros, nos consultorios, nos hoteis, encaderna-se, fica. Nas secções de *anuncios* especialisados cada linha custa a ridicularia de 10 centavos.

Guarda Roupa

CRUZ

EXPLENDIDO STOCK TODO RENOVADO DE FATOS DE CARNAVAL

RUA DO MUNDO — LISBOA

Rejuvenescer!

PELO

CALCIUM AROMATICUM

DE

BRUNSWICK

TODOS DEVEM USAR!

COMPANHIA DE SEGUROS

"A EUROPA"

RUA AUGUSTA, 188 — LISBOA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Impecavel rigor e rapidez nas suas liquidações.

UM EXITO DE LIVRARIA

LEITÃO DE BARROS

ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

(LIVRO UTILISSIMO A TODOS)

4.º MILHAR Á VENDA

Pedidos á PALETA D'OURO

RUA DO OURO, 72 — LISBOA

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Tapeçarias de Traz-os-Montes (URROS) L.da

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

ULTIMA NOVIDADE

DOCES INSTANTANEOS

FARINHAS BELGAS

"DELISS"

FARINHAS «DELISS» PARA PUDINGS E BOLOS INSTANTANEOS. FARINHAS COM O SABOR E PERFUME DE TODAS AS FRUCTAS.

Dôce econo-mico

CRÉMES DE CHOCOLATE. CRÉMES PARA SORVETES. ASSUCAR BAUNILHADO. FARINHAS «DELISS» «UNIVERSELL» PARA MOLHOS.

GRANDE EXPOSIÇÃO NAS MONTRAS DOS DEPOSITARIOS

Jeronimo Martins & Filho

Representante: BATALHA REIS, Ltd.

PAPELARIA

Paleta d'Ouro

RUA AUREA, 72 — LISBOA

COLOSSAL SORTIDO DAS ULTIMAS NOVIDADES DE PINTURA, DESENHO E ARTE APLICADA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

DOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quados da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

PREVENÇÃO

A PIANOLA

É UM NOME REGISTADO EXCLUSIVO DA THE AEOLIAN C.º L.DT

São depositarios e representantes exclusivos

P. SANTOS & C.ª

SALÃO MOZART

52, R. Ivens, 54 — LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º — LISBOA

TELEF. N. 908

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

LIVREIROS-EDITORES

TELE (FONE C 1084
(GRAMAS — LIBERTRAN — LISBOA

FORNECIMENTOS E INFORMAÇÕES DE TODAS AS PUBLICAÇÕES NACIONAES E ESTRANGEIRAS. NA VOLTA DO CORREIO SÃO ENVIAOS TODOS OS LIVROS QUE LHES SEJAM PEDIDOS, A COBRAR OU MEDIANTE A IMPORTANCIA ACRESCIDA DO PORTE

SEMPRE GRANDES STOCKS DE NOVIDADES NACIONAES E ESTRANGEIRAS

OS LIVROS ESTRANGEIROS SÃO VENDIDOS AO CAMBIO DO DIA!

Depositarios e correspondentes em todo o continente, colonias e estrangeiro

O melhor vinho de meza é][o COLARES BURJACAS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

O Pinheiro maluco, apostolo da rua

Arquivamos nas nossas paginas esta figura popular que toda a Lisbôa conhece e que vae tomando fóros de historica. Com uma persistencia inquebrantavel, o "Pinheiro maluco", com uma Biblia, uma alcofa com a carne do talho, e uma badine, prega pelas ruas, em versos bastante livres, os principios da moral sagrada e os conselhos da higiene caseira ...